

ORGANIZAÇÃO E REORGANIZAÇÃO DAS DIREITAS E DO CONSERVADORISMO NO BRASIL: Expansão, Diversidade e Impacto

ORGANIZATION ANDE REORGANIZATION OF RIGHTS ANDE CONSERVATISM IN BRASIL: EXPANSION, DIVERSITY ANDE IMPACT

Luiz Gustavo Carmelo¹

Servidor Poder Legislativo Municipal

RESUMO: O texto explora a reorganização histórica e política das direitas e do conservadorismo no Brasil, destacando a pluralidade desse espectro. Inicia contextualizando o cenário global de ascensão de extremas direitas e discute a presença dessas forças no país, ressaltando diferenças com nações europeias devido ao contexto colonial. Perpassa pela história política, desde a formação do Estado brasileiro, destacando a influência do conservadorismo desde o Império até o governo de Bolsonaro, delineando mudanças políticas ao longo do século XX. Aborda o surgimento de novas forças políticas, como o embate entre direitas e esquerdas, o golpe de 1964 e a redemocratização, evidenciando a dualidade entre PT e PSDB. Enfatiza o aumento de partidos de direita, a ascensão de bancadas conservadoras no Legislativo e a transformação do perfil político de seus membros. Finaliza ressaltando a intensificação do conservadorismo atual, destacando a ampliação das alianças conservadoras e as políticas adotadas pelo governo Bolsonaro. O texto mostra a diversidade e a evolução do conservadorismo no Brasil, abarcando desde valores tradicionais até alianças com setores extremistas.

PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo; Direitas; Brasil.

ORGANIZATION ANDE REORGANIZATION OF RIGHTS ANDE CONSERVATISM IN BRASIL: EXPANSION, DIVERSITY ANDE IMPACT

ABSTRACT: The text delves into the historical and political reorganization of the right-wing and conservatism in Brazil, highlighting the plurality within this spectrum. It begins by contextualizing the global scenario of the rise of extreme right-wing ideologies and discusses their presence in the country, emphasizing differences compared to European nations due to the colonial context. It traverses through the political history, from the formation of the Brazilian state, emphasizing the influence of conservatism from the Empire to the Bolsonaro government, outlining political changes throughout the 20th century. It addresses the emergence of new political forces, such as the conflict between right-wing and left-wing ideologies, the 1964 coup, and the democratization process, evidencing the duality between PT and PSDB. It emphasizes the increase in right-wing parties, the rise of conservative caucuses in the

¹ Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP)

Legislature, and the transformation of their members' political profiles. It concludes by highlighting the current intensification of conservatism, emphasizing the expansion of conservative alliances and the policies adopted by the Bolsonaro government. The text showcases the diversity and evolution of conservatism in Brazil, spanning from traditional values to alliances with extremist sectors.

KEYWORDS: Conservatism; Right-wing; Brazil.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tanto no Brasil quanto globalmente, tem havido uma discussão acalorada sobre o surgimento de projetos políticos de extrema-direita e populistas. No entanto, segundo Kaysel (2015, p. 49), aqueles que acreditam que essa ascensão é um fenômeno recente estão equivocados. Michael Löwy aponta um expressivo aumento das forças de extrema-direita em vários países europeus, como Reino Unido, Dinamarca e França, onde a direita xenófoba conquistou entre 25% e 30% dos votos em 2014, influenciando não apenas o eleitorado, mas também afetando setores da direita tradicional e, em alguns casos, da esquerda social neoliberal (2015, p. 653).

No contexto brasileiro, a extrema-direita se manifesta através de apelos por um golpe militar. Ao contrário de países europeus onde partidos racistas como a Aurora Dourada na Grécia ou a Frente Nacional na França têm peso e influência consideráveis, no Brasil, grupos neofascistas são marginais, carecendo da mesma relevância política. Apesar disso, o país está longe de ser uma democracia racial, e o racismo difuso permeia a sociedade. Entretanto, um partido brasileiro que se apoiasse explicitamente em pautas racistas não teria o mesmo respaldo popular observado em nações europeias, em razão do contexto colonial (Löwy, 2015, p. 662).

Kaysel argumenta a favor da coexistência de várias facetas da direita no espectro político, reconhecendo a pluralidade desse campo. Desde conservadores até liberais e radicais xenofóbicos, esse espectro político passou por inúmeras mutações ao longo da história, inclusive no Brasil. Na América Latina, assim como no Brasil, esse campo político teve sua origem na ambiguidade entre o liberalismo clássico e o conservadorismo durante a primeira república (Kaysel, 2015).

CONFIGURAÇÕES E RECONFIGURAÇÕES DO CAMPO DA DIREITA NO BRASIL

A configuração política do Estado brasileiro tem sido alvo de reflexão de diversos estudiosos. Edson de Oliveira Nunes, entre outros, destaca que Victor Nunes Leal ressaltou a importância da construção de um "poder privado" como barreira para a formação de uma ordem pública (2017, p. 37). Essa construção do poder privado remonta ao Brasil Império, quando a coroa colaborou na formação de uma elite escravocrata, buscando acumulação de capital, ainda que de forma rudimentar (Prado Junior, 2011).

Kaysel reforça a ideia de que as classes dirigentes nesse período mantinham laços significativos com suas raízes coloniais (2015, p. 52). O Partido Conservador, por diversos motivos, emergiu como o grupo político que hegemonizou a consolidação do Estado brasileiro no período entre o Império e a primeira república. A tradição escravocrata é um elemento-chave na construção dessa base de poder.

A tradição escravocrata, fundamental para a estruturação social no Brasil desde o estabelecimento do Estado brasileiro no século XIX até o período contemporâneo sob Bolsonaro, é crucial para compreender não apenas as razões políticas e históricas que moldaram a atualidade, mas também as dinâmicas políticas nos últimos 200 anos e sua relevância no jogo político atual. Caio Prado Junior nos lembra que a economia colonial brasileira foi marcada por três grandes marcos: A propriedade latifundiária, a monocultura e a exploração da mão de obra escrava (2011, p. 123-135), a herança política e econômica dessa antiga dinâmica certamente nos assombra até o período atual

No Brasil imperial, a disputa política se dava entre atores alinhados ao liberalismo republicano de estilo francês e os conservadores, apoiadores da coroa, com divergências quanto aos caminhos para atingir a modernidade burguesa. Com a abolição da escravatura e a Proclamação da República, as direitas se dividiram entre os positivistas, liderados por Floriano Peixoto, e os liberais federalistas (KAYSEL, 2015, p. 53-54). O primeiro grupo defendia a

centralização política e a intervenção estatal na promoção do desenvolvimento industrial, enquanto o segundo defendia a descentralização política e o laissez-faire econômico. Os liberais federalistas obtiveram hegemonia no campo da direita, consolidando um pacto entre elites regionais que estabilizou o sistema político do período (KAYSEL, 2015, p. 54).

Se o final do século XIX e o início do século XX foram marcados por essa dualidade entre as direitas, as décadas seguintes testemunharam o surgimento de novos atores e formas de organização política no Brasil. A Constituição de 1891, ao estabelecer instituições liberais, fortaleceu a força dos atores locais (KAYSEL, 2015).

O surgimento de novas forças políticas desencadeou uma crise na Primeira República (KAYSEL, 2015, p. 55). A esquerda ganhou destaque com a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922, após a Revolução Russa, enquanto a direita se organizou como anticomunista militante (KAYSEL, 2015, p. 55). Além disso, o período foi marcado por revoltas e conflitos civis e militares internos, como a Revolta do Contestado em 1912, que evidenciaram a herança racista deixada pelos séculos de escravidão.

A crise da república culminou na Revolução de 1930, momento em que surgiram partidos políticos com perfis ideológicos distintos: a Aliança Nacional Libertadora (ALN), considerada uma frente antifascista, liderada por Luís Carlos Prestes junto ao PCB, e a Ação Integralista Brasileira (AIB), com perfil alinhado ao fascismo italiano e liderada por Plínio Salgado (KAYSEL, 2015, p. 56-57). Os integralistas, destacados como "camisas verdes", emergiram como a principal organização do espectro político de direita no Brasil, mobilizando classes médias urbanas e católicos (KAYSEL, 2015, p. 57). No entanto, o golpe de Vargas frustrou a disputa presidencial liderada por Plínio Salgado.

Com a instauração do "Estado Novo", uma nova ordem política e jurídica foi estabelecida no Brasil. Nunes (2017, p. 34) observa que quatro gramáticas institucionais passaram a se consolidar: clientelismo, corporativismo, isolamento burocrático e universalismo de procedimentos. O corporativismo,

em especial, se tornou a gramática mais relevante desse período, criando uma solidariedade social e relações pacíficas entre classes e grupos (NUNES, 2017, p. 34).

No contexto do conservadorismo político brasileiro delineado por Kaysel (2015) ressalta que o corporativismo moldou a burocracia civil e militar, constituindo um núcleo diretivo que reestruturou o Estado sob essa perspectiva (p. 58). Esse novo grupo dirigente, vinculado ao corporativismo, agregou a burguesia industrial e o proletariado urbano, ampliando suas bases de apoio (p. 58-59).

Com o declínio da ditadura varguista e o fim da II Guerra Mundial, novas configurações políticas emergem no Brasil. Nesse período, a dinâmica partidária se diversifica, indo além da tradicional dualidade entre esquerda e direita (Kaysel, 2015, p. 59). Vargas tenta controlar a transição política pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e pelo Partido Social-Democrático (PSD) (Limongi, 2015). A União Democrática Nacional (UDN) agrega opositores ao antigo regime, apontando para uma irrelevância da clivagem direita-esquerda (Kaysel, 2015, p. 59).

O conservadorismo político no Brasil surgiu em destaque a partir da década de 1940 com a União Democrática Nacional (UDN), um partido que, embora defensor da democracia liberal e da economia de mercado, também apresentava fortes inclinações conservadoras. Desde então, o conservadorismo assumiu uma posição política significativa, muitas vezes aliando-se a setores da elite econômica e política do país (Löwy, 201, p. 662-663).

A perseguição histórica aos comunistas, durante o integralismo e o regime varguista, desarticulou a esquerda e reduziu a clivagem política na redemocratização apenas entre varguistas e antivarguistas, ambos adotando posições liberais e, por vezes, conservadoras.

A ascensão de João Goulart à presidência após a renúncia de Jânio Quadros em 1961 provoca um impacto significativo entre as elites,

especialmente com a proposta das "Reformas de Base", mobilizando camponeses e trabalhadores rurais (Kaysel, 2015, p. 63).

O golpe de 1964, liderado por uma ampla coalizão formada por setores ligados ao capital internacional, militares e a Igreja Católica, estabelece um regime ditatorial militar no Brasil, sustentado pelo IPES e IBAD, que forneceu quadros para reestruturar o Estado e a economia (Kaysel, 2015, p. 65-67).

Durante esse regime, o AI-2 dissolveu os partidos políticos, formando apenas ARENA e MDB. A ARENA, segundo Kaysel (2015, p. 67), reforçou os vínculos clientelistas com o poder central e local, enquanto promovia uma coalizão conservadora contra a modernização.

O movimento "Diretas Já" marcou o declínio do regime autoritário e a necessidade de reabertura democrática, culminando na ampliação do sistema partidário e eleições em todos os níveis de poder.

A década de 1980 testemunhou importantes clivagens ideológicas no campo da direita, marcando a transição de uma direita apoiadora do regime autoritário para uma adesão a ideais neoliberais. A eleição de Fernando Collor, representando o PRN, inicia uma nova dualidade política entre direita e esquerda, evidenciada no embate entre ele e Lula do PT (Kaysel, 2015, p. 69).

Essa dualidade se consolida na polarização entre PT e PSDB nas eleições presidenciais entre 1994 e 2014, refletindo uma divisão entre esquerda e direita, sendo o PSDB inicialmente um partido de tendência centro-esquerda e, posteriormente, adotando uma postura neoliberal (Kaysel, 2015, p. 69). A ascensão de grupos fundamentalistas, mencionada por Quadros e Madeira (2018), ganha destaque no legislativo em meio a esse bipartidarismo presidencial

No cenário político brasileiro das últimas décadas, o aumento exponencial do número de partidos revela uma multiplicidade de agendas, muitas delas alinhadas à direita. Essa diversificação permite a coexistência de

distintas propostas dentro do espectro conservador, sinalizando a existência de uma pluralidade de agendas entre os partidos de direita no país.

O Legislativo federal evidencia a ascensão de duas bancadas com tendências fundamentalistas, ganhando maior destaque após o impeachment de Dilma Rousseff em 2016: a Bancada Evangélica e a Bancada da Bala. Composta por membros de diferentes partidos, majoritariamente homens e provenientes de estratos sociais mais elevados, essas bancadas vêm se destacando no campo da direita.

Quadros e Madeira (2018) ressaltam uma mudança no comportamento político dos integrantes dessas bancadas ao longo do tempo. Enquanto nos anos 1990 a maioria desses parlamentares se declarava de centro ou centro-esquerda, embora suas posições e partidos, na prática, pudessem ser considerados de direita, essa tendência perde força no século XXI.

Os estudos de Zucco Jr (2011), citados por Quadros e Madeira, revelam que, nos anos 1990, grande parte dos deputados se posicionava à esquerda da linha ideológica de seus partidos, indicando uma relutância da direita em se identificar como tal após o período autoritário, buscando desassociar-se do estigma do regime ditatorial.

A dinâmica política brasileira também foi influenciada por transformações no campo religioso, refletindo-se na composição do cenário político. O aumento do número de adeptos de religiões protestantes e conservadoras no país teve um impacto significativo. Líderes religiosos atuando politicamente mobilizaram seus seguidores para conter o avanço de pautas seculares ou progressistas (Quadros; Madeira, 2018).

O surgimento de partidos vinculados a igrejas evangélicas permitiu o fortalecimento da agenda conservadora, inclusive em governos de esquerda como o do Partido dos Trabalhadores (PT). Essas mudanças, por sua vez, desestabilizaram a polarização tradicional entre PT e PSDB, abrindo espaço para a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 pelo Partido Social Liberal (PSL), que,

antes das eleições, possuía apenas dois deputados e saltou para 55 após o pleito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, o conservadorismo no Brasil tem se intensificado, especialmente em sua oposição a questões progressistas, como direitos LGBT, a legalização do aborto e a luta contra o racismo e a discriminação. Essa tendência conservadora se uniu, em certos momentos, à extrema-direita, que advoga por ideias autoritárias e antidemocráticas, como o apoio a um golpe militar.

O governo de Jair Bolsonaro buscou legitimidade por meio dessas bancadas, mobilizando setores conservadores da sociedade, como a considerável massa de evangélicos e parte da classe média, que defende a liberação do porte de armas. Sob uma retórica, gestos e ações, o governo fundamentalista de Bolsonaro amplia as oportunidades de acumulação de capital para elites conservadoras e para o agronegócio, respaldando o desmatamento e a exploração ilegal de recursos naturais

Em suma, o conservadorismo no Brasil tem se manifestado de maneiras diversas, abrangendo a defesa de valores tradicionais, a oposição a mudanças sociais e políticas progressistas, além da formação de alianças com setores da extrema-direita.

REFERÊNCIAS

KAYSEL, A. Regressando ao regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras In: CRUZ, S. V. e; KEYSEL, A.; CODAS, G. **Direita, volver!** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Cap.3 p.49-73

LÖWY, Michael. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, p. 652-664, 2015.

LIMONGI, Fernando. Fazendo Eleitores e Eleições: Mobilização Política e Democracia no Brasil Pós-Estado Novo, **DADOS** – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 58, no 2, 2015, pp. 27-54

NUNES, E. **A gramática política no Brasil:** Clientelismo e insulamento burocrático 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: 2017. Garamond Universitária.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis e MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, 2017, vol. 24, nº 3, set.-dez., p. 486-522